

A MULHER COMO VITRINE ERÓTICA NA POESIA DE GILKA MACHADO

Autor: André Marcos de Souza Araújo

Universidade Estadual da Paraíba, andremarcos.am11@gmail.com

Resumo: Este trabalho traz uma análise acerca dos poemas *Reflexões IV e Esboço* da autora Gilka Machado, poeta brasileira que teve grande repercussão em meados do séc. XX, evidenciando o tema do erotismo na perspectiva feminina. Ainda buscamos elucidar as relações das mulheres para com seu corpo nas poesias eróticas, tomando como base principalmente o conceito de erotismo de Bataille (2014) e o que se trata o erotismo segundo Moraes (2015). A partir disso dar-se-á base a análise dos poemas havendo a possibilidade de perceber a relação entre mulher, corpo, desejo e erotismo. E ainda observar como o erotismo e a poesia se aliam as vozes do discurso feminino erótico. Como resultado, percebemos que os poemas analisados trazem a voz verdadeira da mulher, sem amarras ou mordanças, uma mulher livre para falar e sentir, principalmente sentir o prazer de se tocar, que transcende os padrões de uma sociedade acuada, velada com base na moral e nos bons costumes.

Palavras-chaves: Gilka Machado; relações; mulher; corpo; erotismo; poemas

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como base analisar o teor erótico nos poemas escolhidos da autora Gilka Machado. Para o mesmo, buscou-se o modo com o eu-lírico constrói o erotismo e como o mesmo volta-se ao prazer, a não se limitar apenas ao prazer dado pelo o homem, mas sim, através do poder da mulher e da poesia. Evidenciar que a mulher tem fantasias e desejos sexuais, bem como o prazer do tocar o EU sem precisar fisicamente de um homem, ou seja, o ato de se tocar intimamente, de se dar prazer sem precisar d'outro em outras palavras também, podemos aplicar o caso da prática da masturbação feminina.

Por séculos, acredita-se ou melhor, a mulher é vista apenas na função de dona de casa e de reprodutora, é inegável nesse meio tempo, a submissão da mulher ao homem, para ele, ela é seu objeto sexual, tendo apenas ele, o direito de ter prazer. E isto não é meros devaneios, está ideologia reflete-se infelizmente até hoje, nos âmbitos sociais e na literatura de autoria masculina. O erotismo Gilkiniano pode por vezes passar por despercebido por algum leitor, pois esse erotismo se camufla em seus poemas. Segundo Moraes (2015):

Não há erotismo sem fantasia, assim como não há literatura sem ficção. O princípio ativo da vida erótica coincide, portanto, com o da criação literária, uma vez que ambos se movem ao sabor de desejos que jamais se esgotam em si mesmos e sempre ensejam um mais-além no horizonte. Por isso mesmo, por serem domínios animados pela força motriz da imaginação, o pacto entre Eros e as letras se realiza invariavelmente sob o signo do excesso (MORAES, 2015, p. 20).

É por meio de uma abordagem como está, que se torna essencial para a pesquisa, observar como vem sendo trabalhado o papel da mulher na sociedade, bem como isso tem a favorecer no crescimento das igualdades entre os sexos.

A poesia de Gilkiniana está acima do erotismo, de uma aparente contradição ao colocar a mulher em seu lugar de dona casa, mas de colocá-la no poder de ser desejante, conquistadora, não submissa ao homem, eminente, transgressora, uma verdadeira poetisa de fato da transgressão feminina, de forma tão visível que a sociedade não aceita tão afronte e não compreende o conflito íntimo que escorraça quaisquer valores morais.

O interesse pelo tema surgiu a partir de discussões em sala de aula na disciplina Modernidade II acerca do erotismo e transgressão feminina. Devido à constante presença do assunto nos textos trabalhados, houve a ideia de trabalhar a figura da mulher e como ela se constrói em meio a sociedade transgressora, e seu papel que desempenha no fazer a diferença como parte de inspiração para as demais mulheres, como se ela fosse ao mesmo tempo um enigma e sua própria resposta.

Portanto, almejamos analisar e discutir os poemas *Reflexões IV* e *Esboço* da autora, fazendo reflexões em relação ao título deste artigo: *a mulher como vitrine erótica na poesia de Gilka Machado*, bem como evidenciar o erotismo, o qual transparece na transgressão de escrita de autoria feminina e como podemos encontrar nos poemas Gilkinianos a liberação da mulher dos conceitos de uma sociedade patriarcal machista.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE GILKA MACHADO

Gilka por sua vez, foi a primeira mulher a se por nua dentro da literatura brasileira, trouxe até os dias de hoje a liberdade da escrita de autoria feminina e dentro dela o erotismo cantadas em seu corpo. Se hoje, fizemos uma pequena pesquisa na internet, descobrimos que a autora tem obras esgotadas desde os anos 90.

A intenção de trabalhar com a autora é fazer um resgate do erotismo feminino e como a autora o representava em seus versos, como a mulher se coloca de fato, como “vitrine erótica”, não na intenção de expor-se como objeto sexual, mas, uma mulher dona de si e de suas vontades.

Gilka da costa Machado, nasceu no Rio de Janeiro em 1893, falecendo também no Rio de Janeiro em 1980. Podemos considerar que ela sempre foi uma mulher à frente do seu tempo, transcendendo os padrões da sociedade da época, onde as mulheres ficavam apenas

confinadas aos afazeres domésticos, eram recatadas e totalmente do lar, Machado escrevia poesias ousando e usando uma linguagem abertamente erótica na literatura feminina.

Além de poeta ela também foi uma ativista onde se engajou na defesa dos direitos das mulheres em uma época onde o Brasil era rigidamente machista. Liderou sem medo movimentos pelo direito ao voto das mulheres, quando o termo feminista não era sequer comentado nos salões da sociedade carioca. Casou-se com um artista, poeta, jornalista e crítico, Eros Volúcia com qual teve um filho chamado Hélios.

Enquanto ainda criança, a autora já fazia versos, com 13 anos ganhou na escola um concurso pelo jornal *A imprensa*, emplacando os seus 3 primeiros prêmios, com poemas assinados por ela mesma e com pseudônimos. Seu primeiro livro de poesia, “*Cristais Partidos*”, foi publicado em 1915 quando tinha somente 15 anos de idade. Em 1916 foi publicada sua conferência “*A Revelação dos Perfumes*”, no Rio de Janeiro. Ao longo da década de 1920, publicou “*Estados d’Alma*” (1917), “*Mulher Nua*”(1922), “*Meu Glorioso Pecado*” (1928), “*Amores Que Mentiram, Que Passaram*”(1928), e “*Carne e Alma*”, em 1931.

Já em 1932, foi publicado na Bolívia a antologia “*Sonetos y Poemas*” de Gilka Machado, com o prefácio de Antonio Capdeville. Nos anos seguintes a autora foi eleita como sendo a maior poetista do Brasil, por um concurso da revista *O Molho*. *Sublimação* foi publicada em 1938, *Meu rosto* em 1947, *velha poesia* em 1968 e suas *poesias completas* editadas no ano de 1978.

Em 1979 recebia o prêmio *Machado de Assis*, pela Academia Brasileira de Letras, onde também, nesse mesmo ano a Assembleia Legislativa do Estado do Rio prestou homenagens a mulher brasileira na pessoa da poeta. “*Gilka tinha em suas veias, sangue de artista, a mãe, Thereza Christina Moniz da Costa, era atriz de teatro e de rádio-teatro, e a filha, Eros Volúcia, foi bailarina consagrada e pesquisadora das danças nativas brasileiras. Além disso, sua família incluía poetas e músicos famosos.*”¹

Já no início da década 30, sua popularidade aumentou ainda mais ao ter seus poemas traduzidos para o espanhol, tanto em antologia quanto em volume, as traduções trazia poemas só seus, dando mais ênfase a importância da escritora. No ano seguinte a isso sua popularidade foi testada e ela ganhou grande margem de votos em um concurso promovido pela a revista, *O Molho*, quando então chegou ao seu auge, foi aclamada como sendo a maior poetisa brasileira, escolhida entre mais de 200 intelectuais.

¹ Famosos que partiram. Gilka Machado <http://www.famososquepartiram.com/2013/03/gilka-machado.html>

Após esses anos, viajou para a Argentina, onde por lá, foi recebida com carinho pelo público leitor de suas obras. Na década de 40 foi para os Estados Unidos e para Europa, além das viagens que fez pelo interior do Brasil. Seus poemas foram também republicados em outros volumes: os dois primeiros livros, em “*Poesias*”, de 1918; e alguns, escolhidos, em “*Carne e Alma*”, de 1931, em “*Meu Rosto*”, de 1947, e em “*Velha Poesia*”, de 1965, antes que as “*Poesias Completas*” ganhassem duas edições: em 1978 e em 1991.

“*Gilka Machado poderia ter sido a primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, após mudanças do estatuto que proibia o ingresso de mulheres, seria possível agora para ela candidatar-se, atendendo o convite que lhe foi feito por Jorge Amado e apoiado por outros.*”² Encerrou sua carreira com o poema *meu menino*, escrito após a morte de seu filho Hélio em 1976. Como se poderá perceber, ao longo desse artigo, a partir dos títulos de seus livros, sua poesia se detém nas experiências de uma intimidade sensível, onde se manifesta explicitamente em suas sensações, em suas emoções e seus desejos eróticos. Mostrou a mulher esvaída em sensualidade pura, trazendo em sua poesia o que se constrói tanto a rigidez formal de tradição parnasiana quanto dando espaços as ondas que atravessam o seu verso à moda simbolista.

Nas poesias de Machado é possível observar uma reação dupla por parte do público, pois por um lado se causa admiração, que se incluem as mulheres ao encontrar nela uma mulher com valores e a frente do seu tempo, e ainda que encontram na autora uma porta voz, na representação das experiências da intimidade, o que até então era proibida e ao que se refere a outra parte, temos a rejeição severa por críticos moralistas que acreditavam que a mulher não deveria se expor, tal como Gilka.

Para que seja afirmado o simbolismo, temos que entender se o mesmo tem a ver com a força do parnasianismo, que apresentava raras circunstâncias em apenas 15 anos, de empreender a luta antirromântica e apreciar o gosto artístico. Além da forte influência desse movimento, Gilka Machado teve que se haver como o Modernismo nascente. Houve um grande alarde quando o modernismo estreou, e isso fez com que os autores do simbolismo fossem marginalizados, ela seria um nome entre vários (quase) esquecidos. Alguns desses seriam depois relidos pela crítica. É o caso de Sousândrade, relido por Manuel Bandeira. É possível pensar que há uma grande dívida com o simbolismo, uma vez que este foi precursor do mesmo, vários representantes do modernismo foram primeiro do simbolismo, entre eles Manuel Bandeira e Ronald de Carvalho.

² Biografias. MESQUITA, José. Gilka Machado- Poeta. <http://www.biografia.inf.br/gilka-machado-poeta.html>

A escritora entrou em choque com a crítica, não apenas devido ao conteúdo da sua produção literária, mas também à sua forma, pois ao se analisar as poesias, é percebido que existe uma quebra com as expectativas em relação a poesia que era produzida para mulher, uma poesia voltada para o romance velado, uma escrita sobre livros culinários, entre outros, tanto em relação a temas como na qualidade analisada dos versos, isso levando em conta critérios mais conservadores.

O EROTISMO E SUAS TRANSGRESSÕES

A escrita ocupa um lugar central na desigualdade entre os sexos referente a palavra com a “escrita de autoria feminina”, uma das primeiras conquistas entre as mulheres foi enfrentar essa resistência, para (KEHL, 1996), existe uma centralidade na linguagem, na definição do ser mulher, sua identidade e ao que se refere a sua subjetividade. Por motivos como estes, escrever algum texto sobre os desejos femininos ou até mesmo apenas sobre mulheres, sobre sua identidade, é antes de tudo, saber lidar com os desejos oprimidos pelos homens, sobre o que se refere ao desejo feminino, como o imaginário interpreta esses escritos.

Segundo Hall (1997):

a língua falada utiliza sons, a escrita usa palavras, a musical usa as notas de uma escala, a "linguagem corporal" utiliza gestos, a indústria da moda utiliza artigos do vestuário, a linguagem das expressões faciais utiliza maneiras de dispor nossas feições, a televisão utiliza pontos produzidos digital ou eletronicamente em uma tela, as sinaleiras usam o vermelho, o verde e o amarelo - para "dizerem algo". Estes elementos - sons, palavras, notas, gestos, expressões, roupas - fazem parte de nosso mundo natural e material; mas sua importância para a linguagem não é o que são mas o que fazem, sua função. Eles constroem o significado e o transmitem. Eles significam (HALL, 1997 p.5)."

Hall ao dizer isso, acaba por afirmar que os significados culturais têm efeitos que regulam as práticas sociais, a linguagem produz a realidade, assim como a escrita também pode reproduzir o imaginário, que atravessa e constrói práticas rotineiras ou idealizadas, são ferramentas que se expressam quase como uma atitude natural do nosso corpo.

Problematizar a escrita, é ao mesmo tempo perceber que ela constrói relações de poder, legitimação e hierarquização dos gêneros, quando se estabelece como universal. Os efeitos da “escrita de autoria feminina” podem ser percebidos na construção da identidade de gêneros, mostrando que nesse sentido, os mesmos são legitimados através de pontos históricos, sociais e culturais, produzindo discursos de relações e poder.

“O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. ”(BATAILLE, 2011, p.20)
Com isso nos enganamos porque o homem busca sempre por um objeto de desejo, quando esse mesmo objeto lhe responde a sua interioridade. Escolher tal objeto não é tarefa fácil, isso depende muito dos gostos de cada pessoa, é tudo muito pessoal, da mesma forma corresponde aos desejos femininos, que define com clareza o que entra em jogo, é um aspecto indivisível, se a mulher não tocasse ao seu EU interior, nada forçaria a ela o desejo de uma escolha. A um ponto que difere os desejos da raça humana da raça animal, o mesmo tem uma vida subjetiva, mas uma vida que lhe parece ser dada, como acontece com os objetivos da vida, que são gerados de uma vez por todas. Assim,

O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão. A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio e este desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe. Nele nada se abre que se assemelhe com uma questão. (BATAILLE, 2011, p.20)

Com isso, seja como for, o erotismo é uma atividade natural do homem, e isso se faz na medida em que o mesmo se difere dos animais. A atividade sexual dos homens não se faz necessariamente de maneira erótica, ela é a Importância decisiva da passagem do animal ao homem.

O erotismo se põe na maioria das vezes como um desequilíbrio do próprio ser, quando o mesmo se põe conscientemente em questão, de certo, o ser acaba por se perder na subjetividade, mas é nesse momento que o indivíduo se identifica como o objeto que se perde. Essa perda involuntária implica no erotismo, ninguém exprime a intenção de falar sobre o erotismo do corpo, as pessoas se encontram associadas a aspectos objetivos de um erotismo próprio.

Agora em si falando de um erotismo religioso, isso é considerando como sendo uma experiência interior Lúcida, o que era impossível e que não aparecia as claras, o balanço do interdito e da transgressão, que entra como ordem natural a necessidade de um e de outro. Não basta apenas saber que existe um jogo, é preciso jogá-lo. O conhecimento do erotismo e até da religião, exige do indivíduo uma experiência real, pessoal, de forma igualitária e contraditória, no interdito e da transgressão, com isso temos;

Essa dupla experiência é rara. As imagens eróticas, ou religiosas, suscitam essencialmente em uns os comportamentos do interdito, em ou mis, comportamentos contrários. Os primeiros são tradicionais. Os segundos são comuns, pelo menos sob a forma de uma pretensa volta à natureza, à qual se

opunha o interdito. Mas a transgressão difere da "volta à natureza": ela suspende o interdito sem suprimi-lo. Aí esconde-se o suporte do erotismo e se encontra, ao mesmo tempo, o suporte das religiões. Eu anteciparia o desenvolvimento de meu estudo se me estendessem inicialmente sobre a profunda cumplicidade da lei e de sua violação. Mas se é verdade que a desconfiança (o movimento incessante da dúvida) é necessária a quem se esforça por descrever a experiência de que estou falando, ela deve particularmente satisfazer às exigências que posso desde já formular. (BATAILLE, 2011, p.20)

Para tais considerações, devemos levar em conta que nossos sentimentos tendem a dar feição pessoal a nossos pontos de vista, mas essa dificuldade de dar tamanha atenção ocorre de maneira geral, é relativa e simples, a comunicação da experiência parece ser de outra natureza, se relaciona inteiramente com o intermédio, afunda-se na duplicidade, conciliando coisas cujo princípio é inconciliável, o respeito à lei e a violação, o interdito e a transgressão.

Falando em uma perspectiva que tem a ver com as relações do corpo e das manifestações que elas excedem, os comportamentos “tão civilizados” diante o trato que damos ao nosso corpo, o erotismo evidencia questões morais que são proporcionadas pela religião, construir um intermédio entre essas duas vertentes é produzir conceitos que parecem raros, tal argumentação se dá sobre a moral e os pilares de uma sociedade patriarcal, negando a força que o corpo age, como impulso para a superação de tais limites e valores morais impostos.

Ainda levando em consideração as consequências causadas pela negação do corpo como sendo um todo ponto erótico e que faz parte da sexualidade, um corpo que atinge relações mais puras com o EU. Há de se a ver, as relações causadas ao longo do tempo, e que tomaram proporções diante a sociedade moderna, somos ditados por regras entre o que é permitido e o que é proibido, e que de certa forma acaba por nos constranger á vivencia com o nosso corpo, em certas circunstâncias vivemos entre o que é certo e o que é errado, tocar ou não tocar.

Não há como negar, parte de nós somos tomados pelo desejo erótico, temos a essência disto, existem várias oportunidades de se ter excitação, nosso corpo é cheio de zonas erógenas, buscamos sempre experiências que nos proporcionem prazer. Desde os anseios dos mais imediatos que fazem parte do dia a dia, ou em qualquer outro tipo de relação, isso vai, das vontades mais intimas que permitem a obtenção de instrumentos capazes de consumir nosso corpo e chegar ao clímax, afinal, se tocar nunca foi pecado.

Segundo Gomes (2011, p 142)

É através desta relação propiciada pelo instinto e materializada na forma do corpo que expõe seu dilema ante o desejo e a culpa. Por mais que os

parâmetros sociais estejam dispostos ao entrave das manifestações sexuais que pulsam instintivamente na poesia, causando-lhe um sentimento de culpa e penitência, a pluralidade de emoções que são exaladas de maneira individualizada em oposição aos aparatos e às amarras religiosas, e de submissão do desejo feminino subvertem a ordem patriarcal que é exercida socialmente, mas é interiorizada individualmente.

Seguindo esse raciocínio de Gomes, a relação que se tem entre culpa e dominação se baseia na vontade de saber mais sobre a sexualidade, nós próprios inventamos nossa culpa e o tamanho dela, somos responsáveis pela má consciência que temos, e assim, criando a culpa, a tratamos como solução, construindo no ser, uma forma de castigo, castigo esse que veio por intermédio tanto da religião quanto do poder tanto nas nossas próprias relações sociais cotidianas, ao que se refere a culpa religiosa, cabe o ato das confissões, nas relações sociais este hábito se mantém agora com as confissões voltadas aos médicos, psicólogos e afins

Existe todo um discurso que oprime o sexo, mas que se torna ainda mais lentamente quando falamos do desejo, este que é uma iniciativa que foge aos padrões tanto do casamento quando das relações heterossexuais, uma iniciativa assim, que foge aos padrões é resultado de limitações e conceituações, é uma forma de controle que a sociedade exige sobre nós, principalmente nas mulheres, isso se torna a garantia de poder vigente. Controle baseado por motivos ultrapassados, velados, que comandam o modelo correto do ser humano, e que por conta da vigência da sociedade não seria garantia de manter à figura da família tradicional como modelo correto do contrato social humano e que por conta da religiosidade seria pecado e por isso passível de castigo, será antes má consciência.

O ERÓTISMO POÉTICO DE GILKA MACHADO: LIBERAÇÃO DA MULHER

*“E que gozo sentir-me em plena liberdade,
longe do julgo atroz dos homens
e da ronda da velha sociedade.” (Meu glorioso
pecado, 1928)*

Nesses três primeiros versos retirados da epígrafe de um dos seus primeiros livros de poemas, transmitem já para o leitor o que é ler Gilka Machado, entrando nos espaços dominantes contra o paradigma masculino que dominava a época através da criação literária.

Os versos acima nos levam a pensar em um diálogo com a poesia Gilkaniana, como o sistema repressivo impediam as mulheres de se inscrever e se colocar no papel de escritora. Estes versos pertencem a coletânea de poemas retirados do livro *Meu glorioso pecado* instituído inteiramente de poemas eróticos, que contém uma escrita desvelada de um processo

de afirmação da identidade feminina, que por um lado se constrói na conquista da mulher, o por isso de **glorioso**, e por outro lado mostra a repressão feminina transparecendo em **pecado**.

Para a época de Gilka, ou até os dias atuais, o domínio masculino passa a se justificar e a ser vivenciado pela mulher, que é colocada no papel de dona de casa, cristã, que apenas o ato de ler tais escritos se tornaria uma forma de pecado e em consequência disso o castigo, como já foi supracitado anteriormente, pecado envolve culpa, culpa envolve sexo. Isso era/é o que garante e perpassa os tempos, a supremacia do homem. A moral, a ética, os bons costumes, veio historicamente sustentando o prazer físico e da sexualidade, a dominação masculina e sujeição da mulher.

A de se sustentar a estrutura patriarcal, o homem se toca frequentemente em busca de prazer, a mulher não, por sua vez a própria sociedade reproduziu isso, vemos que o poder de saber dar prazer nem sempre estiveram juntos, que as relações entre ser e corpo não se encontram na relação com a exterioridade. Nas relações de poder, a sexualidade coloca-se em um papel muito rígido, utilizando um número de manobras que serve de apoio para a articulação evasivas das mais variadas, porém, diferente dos mecanismos de dominação que se uniram a sexualidade feminina, esta que por sua vez se reduziu apenas e simplesmente a função de procriação, as mulheres se reservam exclusivamente para a função de dona de casa, mãe, e alguma atividade artesanal, deixando de lado o espaço do prazer, como figura secundária, a margem de um processo sem autonomia.

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida: a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea
e altívola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...
Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...
Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...
Ser mulher, e oh! Atroz, tantálica tristeza!
Ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

O poema acima constrói-se com base na retórica entre o desejo corporal e a liberdade da mulher, e mais ainda, a prisão que a sociedade puramente machista e patriarcal a oferece, entre a busca de se completar no **companheiro** e o encontro com que se sustenta em sua incompletude, observável na figura de **um senhor**, este, seu dono e proprietário, repressor,

agente de seu isolamento, porém ainda ligado a idealização romântica, quando se fala de **infinito**. Os versos trazem em si, imagens à crítica social, a situação de dependência, a punição, fatores característicos da realidade que se oferece a mulher, onde isso também pode ser enfatizado em **atroz, tantállica tristeza**, ressaltando ainda mais a opção poética em uma imagem rara, como espaço para simbolizar a repressão feminina.

Na poesia Gilkiniana é percebido sempre a presença do Eu feminino, deixando o homem apenas como objeto de desejo, e essa percepção acaba indo de encontro com a moral já instituída socialmente, onde o homem é sujeito de desejo, enquanto a mulher é vista como imoral caso queira expressar o que deseja.

A POESIA ERÓTICA DE GILKA MACHADO: O PONTO MÁXIMO DO DESEJO CARNAL

Nos poemas de Gilka, como se vê em seguida, existe a possibilidade de ser “mais mulher” através na exploração dos seus sentidos, os poemas nos conduzirão a exploração feminina, do corpo feminino, não apenas de uma mulher conquistada, mas a fragilidade enquanto gozo, e o festim, coisa que para a poesia Gilkiniana não era ofertada apenas aos homens.

Por um lado, os poemas mostram uma mulher liberta, múltiplas fazes no ato da conquista do EU, não mais habituada a sujeição masculina e à obediência, aos ideais de castidade.

Vejamos como essa atitude se estrutura liricamente no poema “REFLEXÕES IV”:

Eu sinto que nasci para o pecado,
se é pecado, na Terra, amar o Amor;
anseios me atravessam, lado a lado,
numa ternura que não posso expor.
Filha de um louco amor desventurado,
trago nas veias lírico fervor,
e, se meus dias a abstinência hei dado,
amei como ninguém pode supor.
Fiz do silêncio meu constante brado,
e ao que quero costume sempre opor o que devo,
no rumo que hei traçado.
Será maior meu gozo ou minha dor,
ante a alegria de não ter pecado
e a mágoa da renúncia deste amor?!...

Há neste poema alicerces românticos, emblemáticos da natureza, **se é pecado, na Terra, amar o Amor**, as imagens desenham uma mulher divina entre o desejo e a rejeição,

por isso ela se reúne toda em seu corpo, em uma orgia com si mesma, reúne-se ao prazer, a tortura, a alegria e a tristeza, assim também ousa nas palpitações de seu gozo, e a participação ativa de seu corpo.

Nestes versos, está longe o desvelamento do erotismo como algo sagrado, antes aparece como um desejo que deve ser vencido, por ser “pagão” ele é sepultado nos lábios. A como a mulher podia construir sua identidade até então, negando o desejo que também faz parte dela.

O poema selecionado *Esboço* merece destaque, por estar relacionado a realização da vivência e da liberdade e ainda, por isso, também muito significativo que a “Felicidade” que a mesma sente apresente corporificada e chamejante remeter para o clímax do erotismo.

ESBOÇO

Teus lábios inquietos
pelo meu corpo
acendiam astros...
e no corpo da mata
os pirilampos
de quando em quando,
insinuavam
fosforescentes carícias...
e o corpo do silêncio estremecia,
chocalhava,
com os guizos
do cri-cri osculante
dos grilos que imitavam
a música de tua boca...
e no corpo da noite
as estrelas cantavam
com a voz trêmula e rútila
de teus beijos...

Aqui percebemos a entrega total da mulher à prática amorosa e à fruição dos prazeres, que constituem os momentos de maior liberação no discurso gilquiano, ganham grande intensidade literária, ao se constituírem através da recriação entre o ser humano e a natureza. O erotismo exposto nesse poema, é tido como algo sagrado, passivelmente fruto do pecado, aparece como um desejo vencido, em virtude traz elementos da sinestesia aliando seu prazer a natureza, algo exposta, talvez por ser uma forma da mulher conseguir/tentar construir sua identidade, tendo objeto de desejo se estabelecer, porém, como conflituoso, “trêmula” por estar exposta, porém sedenta, por estar obtendo prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O erotismo nesses poemas aqui apresentados, bem como tantos outros escritos pela poetisa Gilka Machado, traz consigo um desvelamento do paralelo entre escrita de autoria feminina e escrita de autoria masculina ao que se refere aos termos erotismo e sensualidade inserindo-a de fato no universo da escrita e da crítica literária, mostrando-nos que esta escrita de autoria feminina não se prende a valores medidos por questão de gênero .

A escritora por hora pode trazer traços da deusa Venus;

A **deusa Vênus** é a deusa do amor e da beleza na mitologia romana. Para os romanos, ela representou o ideal de beleza feminina.

Foi uma das figuras mais veneradas na antiguidade e na mitologia grega, corresponde à deusa Afrodite. A representação de Vênus é de uma mulher jovem, bonita e nua. Como ideal de beleza, seu corpo é escultural com medidas equilibradas e por isso, é também associada ao erotismo. Em algumas imagens, ela aparece num carro guiado por cisnes.³

Assim a autora também desvela no universo feminino, sexualidade, amor, paixão, curiosidades, expondo em si, suas carências, traumas e as paixões das mulheres. Quanto a temática do erotismo, isso teve algo de grande custo para autora, ao contrário de outras escritoras que tiveram uma escrita mais velada, a poetisa escancarava seus escritos da mesma forma que se via, nua e crua, e por esse motivo a autora por anos foi depreciada por não seguir um modelo padrão adequado para os escritos, a poesia Gilkiniana converte a mulher de musa apenas de inspiração para mulher atuante colocando-se no papel de sujeito.

Nesse sentido, Gilka buscou em seus versos retratar a realidade da condição feminina, expôs suas vontades e seus desejos para todos os preceitos que a sociedade lhe impunha, retratar o erotismo configurou-se na liberdade, no desejo de falar, em um que não seja apenas objeto, mas um desejo que nutre sentimentos, aquela que pode desejar, falar de *gozo*, *se tocar*, *cio*, *volúpia*, mas não somente nisso se mostra para nós como transgressora, ela nos apresenta como dona do seus desejos mais íntimos, uma senhora dona de SI.

³ DIANA, Daniela: Professora licenciada em Letras: disponível em:<
<https://www.todamateria.com.br/deusa-venus/>> data do acesso: 03/06/18

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Biografias. MESQUITA, José. **Gilka Machado- Poeta.**: disponível em
<<http://www.biografia.inf.br/gilka-machado-poeta.html>> data do acesso: 03/06/18

DIANA, Daniela: Professora licenciada em Letras: **MITOLOGIA; VENUS:** disponível em:<
<https://www.todamateria.com.br/deusa-venus/>> data do acesso: 03/06/18

Famosos que partiram. **Gilka Machado:** disponível em
<<http://www.famososquepartiram.com/2013/03/gilka-machado.html>> data do acesso:
03/06/18

MORAES, Eliane Robert. **Antologia da poesia erótica brasileira**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

GOMES, Rodrigo Silva. **Adélia Prado: Interdito, transgressão e erotismo**, Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.9, n.25, p. 137-154, fev.-mai.2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KEHL, M. R. **A mínima diferença**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.